



## **A lembrança que trago de Gilda, uma entrevista com Marilena Chaui**

Por Silvana de Souza Ramos

Entrevista de Marilena Chaui concedida a Silvana de Souza Ramos, no dia 08 de setembro de 2022, nas dependências do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), instituição que abriga o Fundo Gilda de Mello e Souza. Agradeço a Angélica Del Nery e André Cruz, responsáveis pela filmagem e pela captação do áudio da entrevista, a Elisabete Marin Ribas, Funcionária do Serviço de Arquivo IEB/USP, cuja ajuda inestimável tem me permitido avançar na organização e no estudo dos documentos de Gilda, a Livia Beatriz Almeida Pacito, pela contribuição prestativa no dia da entrevista, e ao posterior trabalho de transcrição do áudio original feito por Bruno Henrique de Souza Soares e Felipe Bellei Cordeiro. O texto transcrito foi revisado antes da publicação, apenas para retirar algumas repetições típicas da expressão oral.

•

Silvana Ramos (SR) – Acho que seria importante a gente começar contando sobre o contexto que me trouxe aqui e me fez te trazer aqui também. E esse contexto é o arquivo que foi doado pela família de Gilda de Mello e Souza, em 2017, para o IEB/USP. Uma parte desse arquivo de Gilda já foi descrita, mas ele ainda está em processo de arquivamento. Mas a parte disponível para consulta já é incrível, e acho que é tanto um momento muito importante para a recepção da obra de Gilda, quanto um momento estratégico para a gente visitar um pouco a história do

Departamento de Filosofia da USP e investigar o papel que essa pesquisadora teve, não apenas por ter sido a primeira mulher contratada como docente pelo curso de filosofia da USP, mas também por tudo o que ela produziu como filósofa.

Gostaria também de rememorar alguns momentos cruciais da vida dela, sobre os quais eu queria falar com você. É superinteressante a maneira pela qual ela se posiciona como intelectual. Há vários momentos em que ela escreve algo como: eu não queria ser pensadora, eu queria ser escritora. Para a gente parece meio óbvio que ser escritora é ser pensadora, mas há aí todo um posicionamento sobre o que é pensar, o que é escrever, um afastamento dos grandes sistemas filosóficos, uma aproximação do cotidiano, do tecido da vida concreta, mediado por elementos estéticos: é isso que vai dar corpo à obra de Gilda, esse contato com as obras e com as coisas, fazendo da forma da escrita o elemento mais importante da obra dela. Como é que isso aparecia nas aulas de Gilda? Porque aos textos a gente tem acesso, e agora com a disponibilização do arquivo, a gente vai poder ver a cozinha de Gilda, né [risos de ambas]. Ver como é que ela produzia esses textos, como que ela fazia pesquisa. Mas sempre aparece uma fala eloquente das pessoas que como você testemunharam a presença de Gilda nas aulas, e o pensamento dela acontecendo diante delas. Que memória você guarda disso?

Marilena Chaui (MC) – Eu fui aluna dela antes de ir pra França, antes de ser professora do Departamento. Fui sua aluna em Estética, quando ela deu um

curso sobre Mário de Andrade. A presença da Dona Gilda, como nós a chamávamos, era uma coisa fulgurante. Ela entrava na sala, naquele tempo as salas eram pequenas, eram poucos alunos, havia um pequeno estrado, e a mesa sobre o estrado, uma lousa atrás, então ela fazia o caminho por entre as nossas mesas e subia ao estrado com as notas de aula. E você não sabia se ficava olhando para ela, se ficava ouvindo, ou se tomava nota. Porque ela era um acontecimento dando aula. Eu só tive um outro professor com a presença igual à da Dona Gilda, que foi Gérard Lebrun. Lebrun também: a aula era um acontecimento. Com a Dona Gilda a aula era, enquanto tal, um acontecimento.

Primeiro, pela figura dela. A voz, a gesticulação. Depois, o fato, no meu caso, de eu ter tido as aulas até então ou dos gregos, ou dos filósofos latinos, ou ainda da França. E eu caio em uma aula sobre o Mário de Andrade, sobre o Brasil, sobre a literatura brasileira, sobre a arte brasileira. Isso também foi um acontecimento. O sentimento de que havia uma ruptura entre o trabalho dela e a tradição escolar do Departamento. Era uma outra coisa. E não era só revisitar a obra do Mário, ela tinha narrativas sobre o Mário e sobre a composição da obra. Então você entrava em um universo que era diferente do que estávamos acostumados a fazer, pelo menos nos dois primeiros anos do curso, que era fazer análise estrutural de texto. Era outra coisa que vinha. Primeiro, o mundo real que vinha. Segundo, ele não vinha na forma de textos a serem analisados e interpretados, mas vinha na forma de acontecimentos: acontecimentos artísticos, acontecimentos culturais.

A inserção que ela fazia dessa obra na sociedade brasileira, na cultura brasileira, para mim foi de um deslumbramento total. E acho que isso me marcou, porque quando, anos mais tarde, eu fui fazer o meu trabalho sobre Espinosa, era isso que eu dizia que precisava que ser feito: trabalhar dessa maneira, encontrar a produção do escrito no interior do mundo em que o pensador está pensando. Então, a minha experiência como aluna foi a de que num primeiro instante fiquei muito intimidada. Eu falei, bom, quando ela pedir um trabalho no fim do curso, eu não vou poder fazer um trabalho: como é que eu vou poder fazer um trabalho para a Dona Gilda? E finalmente ela disse: o trabalho é livre, mas é sobre o Mário, vocês escolham. Eu parti do “eu sou 300, eu sou 365...”, e tirei 10! E ficamos conquistadas uma pela outra, sabe?

Anos mais tarde, quando ela se tornou chefe do Departamento e eu frequentei a casa dela, ela me contou que me acompanhou desde o começo, por causa desse trabalho que fiz sobre o Mário como multiplicidade. E então a lembrança que eu guardo não é só de uma professora excepcional, e que era excepcional no sentido preciso da palavra, ela era uma exceção no modelo do departamento. Então, como professora, e como figura, fisicamente, ela era sempre uma aparição. Sempre. Não era só que ela era uma pessoa elegante, bem-vestida. Era o modo. O modo como ela, por exemplo, punha um colar. Era uma coisa incrível, você não pode imaginar. Num mundo inteiramente masculino do terno azul marinho com gravata azul marinho também, de preferência, ou então preta, esse era o universo em que nós estávamos. E

tinha essa figura extraordinária, que quebrava. Ela quebrava o padrão da moda, ela vinha vestida de mulher. Não vinha vestida de professora, nem de professora do Departamento de Filosofia, nem de professora no meio de homens: ela vinha vestida de mulher, na moda. Linda! Era um acontecimento.

Então, ao mesmo tempo, ela tinha consciência de que por um lado ela era capaz de provocar essa admiração, eu me lembro da admiração que o Bento Prado Jr. tinha por ela: era Deus no céu e Dona Gilda na terra, ele tinha fascinação por ela. Era um caso único, o professor Cruz Costa dizia: “a gente tem Estética porque o currículo obriga a ter Estética, mas vocês sabem, estética é uma perfumaria”. O chefe do Departamento fazia essa referência ao curso de Estética, e você pode imaginar o ambiente. Era tudo respeitoso e ao mesmo tempo tinha um ar meio galhofeiro, sabe? “Ah... Gilda disse, ah... Gilda escreveu...” sabe? Como uma coisa menor. E ela teve a grandeza de não se submeter a isso, de ter certeza de seu próprio trabalho, do que ela estava fazendo, do sentido que aquilo tinha, da importância para os alunos.

A relação dos alunos com ela era de admiração, de interesse, de aprendizado. Então, ela teve essa capacidade, que eu não sei de onde veio, de neutralizar o desprezo masculino pelo trabalho dela, sabe? Essa é a professora de que eu me lembro. E eu me lembro uma vez em que estava muito calor, e ela veio dar aula com um vestido de Jersey meio sedoso, de fundo branco e flores e folhas esverdeadas, e um lenço igual, que ela pôs na cabeça, com um colar verde. Quando ela entrou na sala de aula eu falei: “hoje não vou assistir

aula, hoje vou olhar a Dona Gilda”. Era de uma beleza, de uma elegância, de uma finura! Quando me perguntavam sobre a Dona Gilda eu dizia: “ah, é uma aparição!”. E a qualidade do trabalho dela... Você pode imaginar o susto que foi para mim quando eu voltei [da França] e ela tinha se tornado chefe do Departamento. Mas isso é outra história, outro capítulo.

SR – Eu quero entrar nesse capítulo, mas só queria fazer uma observação, aproveitar esse gancho da aparição, porque tem uma presença muito grande do Merleau-Ponty na obra dela, não é?

MC – É, eu vou falar disso na hora em que eu comentar os comentários dela sobre o meu mestrado [risos], ela ficou enfurecida!

SR – Conta, conta, Marilena!

MC – Ela ficou enfurecida, porque naquele tempo foi inventado o curso de pós-graduação. E foi muito engraçado porque o curso foi inventado e éramos um grupo que tinha feito a segunda chamada (de lógica, claro), e o Gianotti, éramos nove alunos (Rubens, eu, João Paulo Monteiro, João Quartim...), todos foram fazer a segunda chamada do curso de lógica. [Nos disseram:] “Foi criado o curso de pós-graduação e vocês vão se inscrever e precisam de um orientador”. A gente não sabia o que era curso de pós-graduação, muito menos o que era ter um orientador, e o que era se inscrever em um curso de pós-graduação. Essa foi a nossa entrada.

O curso de pós-graduação naquele tempo era uma coisa muito simples. Durante um ano você fazia o curso de um professor que apresentava a pesquisa dele,

durante esse curso você apresentava seminários e depois um trabalho escrito. Então nos inscrevemos para a pós-graduação, e o curso foi dado pelo Lebrun, que apresentou Hegel. Tivemos um curso sobre o que viria a ser seu livro sobre o Hegel [*A Paciência do Conceito*]. E me lembro de o Giannotti ter dito: vocês precisam procurar um orientador. E eu pensei: o que será que é um orientador? E eu perguntei pra Helene Guariba, que era minha colega, ela e o Ulisses tinham se inscrito para a pós-graduação, e eles iam fazer o trabalho com o Lebrun. E ela me disse: o orientador é aquele que você procura, conversa, você diz o que você quer fazer e ele vai ajudar você. E isso que você vai fazer se chama mestrado, é uma tese.

Aí eu fui atrás do Bento, e eu disse: “professor, eu queria saber se você podia ser meu orientador”, e ele respondeu “Dona Marilena, claro...” (a gente se tratava por senhor e senhora) “...sobre o que a senhora quer trabalhar?”, eu falei: “eu queria trabalhar sobre Merleau-Ponty”, e ele: “Ah, mas que ótima ideia! Então vamos trabalhar sobre Merleau-Ponty”. Agora, veja bem, no estilo do Bento, ele me deixou ir trabalhando por minha própria conta, de vez em quando eu levava alguma coisa, me lembro quando levei meu primeiro texto, ele me convidou para almoçar e eu fiquei depois com a Lúcia, sua esposa, e ele foi para o escritório ler o texto que eu tinha trazido. Não sei o que eu conversei com a Lúcia naquele intervalo. Aí ele voltou, e disse: “está razoável, Dona Marilena”, e eu pensei “meu Deus, deve estar uma tragédia”.

O caso foi que eu fiz o mestrado, só que tinham dito para nós que a entrega era no mês de abril e a defesa no mês de maio. Por

razões que eu não sei, o Departamento mudou isso e tinha que entregar em fevereiro. E o Bento esqueceu de me avisar que ia ser em fevereiro. No meio de janeiro, eu recebi um telefonema: “o seu professor está dizendo que você tem que entregar o trabalho no dia quinze de fevereiro”. Eu tinha um rascunho... Bom, terminei, entreguei e na banca estava a Dona Gilda. Era óbvio que o Bento ia chamar a Dona Gilda em uma tese de Merleau-Ponty, isso era evidente, mas era a última coisa que eu esperava, porque eu entreguei um “rascunhão”. Era a última coisa que podia me acontecer, ter dona Gilda na banca de um rascunho.

Bom, eu guardei [a dissertação de mestrado com as anotações de Gilda] e eu ia trazer hoje, mas eu não encontrei. Só que eu vou trazer, porque acho que precisa ficar no arquivo. A dona Gilda comentou praticamente página a página o que estava mal escrito, tudo que estava mal escrito, a tradução malfeita, foi uma coisa de louco. E aí ela falou: “Sabe dona Marilena, lendo o seu trabalho, eu pensei na costureirinha do interior, que compra o figurino francês e acha que pode fazer o vestido. Claro que não cai bem na freguesa, mas ela culpa o corpo da freguesa e não a incapacidade dela de fazer o modelo francês [risos]. Então eu não quero ofender a senhora com isso – eu já estava embaixo da mesa nessa altura – porque eu sei que a senhora sabe escrever, e é por isso que eu estou incomodada com o que a senhora trouxe, porque eu já li as coisas que a senhora escreve”. Aí eu disse: “dona Gilda, isso aí é um rascunho e eu prometo para a se-

nhora que eu vou trazer o texto verdadeiro”, que eu nunca escrevi, nunca escrevi e nunca publiquei o mestrado.

Eu fiquei com um fantasma, mas o mais interessante vai ser o que vai acontecer um pouco depois. Mas eu vou contar, embora antecipe o que nós vamos falar sobre a revista *Discurso*, mas eu preciso, porque está encadeado [*Silvana responde: pode contar Marilena*]. Então foi o seguinte: eu, como era praxe quando você fazia o doutoramento, dei a aula inaugural do Departamento. Então eu defendi a minha tese do Espinosa e fui dar a aula inaugural. A minha aula inaugural se chamava modestamente *Cicutu ou martelo: o destino da filosofia*. Olha a modéstia! E era tão francês né, fazer uma coisa dessa [risos]. De todo modo... dei a minha aula. Aí dona Gilda disse: “nós vamos publicar na *Discurso*”, e levou o texto. Dois dias depois ela me chamou: “não dá para publicar, não dá para publicar, Marilena, não está escrito, você precisa escrever, você não sabe escrever, tem... você não sabe escrever. Vou te ensinar a escrever”. E ela me deu aulas, aulas de como escrever. Ela pegou, não só a aula que eu dei, e mostrou para mim o que não podia, o porquê... Ela fez comigo o que nenhum professor de português tinha feito comigo, jamais. Me ensinou a escrever.

Eu fui para casa. Então ela disse: “olha, vamos esperar, vamos esperar isso assentar, amadurecer”. Aí no ano seguinte, o Sylvio Zilber montou a peça *O interrogatório*. Eu fui, escrevi uma crônica, e levei para ela, dizendo comigo mesma: “quem sabe essa pode entrar para a [revista] *Discurso*”. E era naqueles corredores dos barracões. Ela leu e falou: “espera um pouquinho”, foi nas Letras, e disse: “Antônio Candido, ela aprendeu a escrever” [risos], e publicou né.

Isso é dona Gilda. Eu fico muito arrepiada quando eu conto essas coisas, muito emocionada, lembro do cuidado. Ela não deixou eu me expor, Silvana, ela não deixou eu me expor em instante nenhum, cuidou de mim, me ensinou a escrever. É uma coisa, sabe? Ela faz parte da minha vida.

SR – Tem momentos em que você fala do cuidado dela para você ir viajar para a França... era um cuidado mesmo, né? Por que viajar, hoje já é difícil, imagina no passado.

MC – Ela fez um almoço para mim na semana que antecedeu a viagem, e me disse: “vou ensinar para você várias coisas, porque você vai enfrentar o inverno pela primeira vez, você vai enfrentar um país estrangeiro pela primeira vez, então há várias coisas para te ensinar. Ela ensinou desde o modo de a gente se agasalhar, que agasalhos comprar, de que modo comprar, como cuidar do aquecedor. Ela disse: “nunca deixe o *récheaud* sem água porque senão vocês vão ficar doentes”. E é desde essa coisa, ensinou as compras, coisas que eu não deveria comprar para comer, e ensinou a fazer saladas, me ensinou a fazer uma salada de alface com nozes que era muito simples, e eu encontraria com facilidade, e assim por diante. Ela fez cardápios para mim, então, sabe... é uma coisa, de uma generosidade, de uma bondade, de uma confiança...

Há um episódio também, isso foi depois, quando eu voltei eu fui ser madrinha de casamento. Aí ela falou: “você já sabe o que vai vestir?”, eu respondi: “eu vou mandar fazer – naquele tempo a gente usava longo, né? – eu vou fazer um longo”. Ela falou: “faça um vestido

curto, com um casaco longo por cima, porque depois você aproveita mais o vestido. E faça creme, e você vai usar um chapéu de feltro vermelho” – é por isso que eu estou de vermelho hoje. Ela dizia: “você sempre tem que usar vermelho; que seja uma fita, que seja um colar; sempre tem que ter vermelho em você”. E ela saiu comigo, nós compramos um chapéu de feltro vermelho [com a voz embargada de emoção] que eu usei no casamento, e eu costumava dizer que eu fiquei mais bonita que a noiva. Isso é a dona Gilda, sabe? Ela faz parte da minha vida.

E eu, bom, a gente ganhava muito pouco, e quando voltei, nós alugamos uma casinha e as paredes estavam nuas. Então, eu recortei coisas de revista, obras de arte de revista e coleí na parede. Ela foi me visitar, olhou a parede e tal. Dois dias depois ela mandou para mim uma Renina Katz e um Kandinsky, uma gravura do Kandinsky. E ela disse: “tira tudo aquilo que você pôs, e por enquanto, coloca isso”. Então, sabe, há duas mulheres, três mulheres sobre quem eu digo, o que fizerem, eu vou atrás, eu vou junto. A minha mãe, a dona Gilda, e a Luiza Erundina. Sabe, são as mulheres cuidadosas, generosas, presentes, inventivas, capazes de enfrentar a adversidade. Minha mãe enfrentou adversidades, a dona Gilda enfrentou adversidades, primeiro, porque ela fazia Estética, e depois porque enfrentou o Ato Institucional nº 5 como diretora do Departamento.

SR – Eu acho muito importante falar disso, porque a gente pensa o cuidado muito assim... cuidado da pessoa, cuidado das coisas pequenas do cotidiano; mas quando ela teve que enfrentar o cuidado do próprio Departamento, segurar a instituição, ela foi de uma força, de uma

coragem, impressionantes. Como é que chegou essa bomba na mão dela, como é que as coisas se encaminharam para isso acontecer?

MC – Eu estava na França, eu fiquei lá entre 1967 e 68, e tinha ainda 1969 para ficar. Eu voltei. Voltei por quê? Primeiro... o segundo instante do golpe [cívico-militar de 1964 no Brasil] foi o instante no qual foi criada a Universidade crítica, a Maria Antônia era a universidade crítica da revolução. Aí o exército veio e cassou aqueles professores que eles julgavam que tinham incentivado o marxismo, o comunismo e a revolução. Eles cassaram o [José Arthur] Giannotti, o Bento [Prado Jr] – [Oswaldo] Porchat estava nos Estados Unidos –, professor Lívio [Teixeira] e professor João Cruz Costa tinham se aposentado. Então cassaram o Bento e o Giannotti. Nas Ciências Sociais, cassaram o Florestan Fernandes. Na História, a Emília Viotti, e assim por diante.

Estavam o Porchat nos Estados Unidos com uma bolsa, o João Quartim, o [Luiz Roberto] Salinas e eu com bolsa na França. O João Quartim decidiu não voltar. Salinas voltou, e eu também. Então, o que era o Departamento de Filosofia? O Departamento de Filosofia era dona Gilda, Maria Sylva Carvalho Franco, que tinha vindo das Ciências Sociais, o Victor Knoll, que não tinha nenhum título, o Salinas que ainda não tinha nenhum título, e eu, que tinha o Mestrado. Nós tínhamos alguns alunos de pós-graduação interessantes: o Léon Kossovitch, o Arley Moreno, Rolf Kuntz, o Armando Mora de Oliveira. Isto era o Departamento de Filosofia.

Pelos títulos e pelo tempo de trabalho, dona Gilda era automaticamente a chefe do Departamento. E ela não queria, de jeito nenhum. Por várias circunstâncias. Desde a questão política, até o modo como ela sempre havia se inserido no Departamento, à margem, mas também quanto ao fato de que, o que se podia fazer?! Na verdade, havia cinco professores, o Departamento de Filosofia ficou reduzido a cinco professores. E era isso, não havia nada que se pudesse fazer. Ao mesmo tempo ela dizia que tinha um dever, um dever não político, mas um dever moral de não deixar o Departamento de Filosofia acabar. E eu me lembro de uma reunião na casa dela para discutir como seria, e ela ficou tão nervosa que teve uma taquicardia com a ideia de que iria pegar a chefia do Departamento. Mas não teve jeito. Aí ela disse: “eu tenho o dever histórico de que esse Departamento não possa ser fechado, não possa ser destruído”.

Então ficamos: ela como chefe, a Maria Sylva como vice-chefe, eu como secretária, e o Salinas e o Victor Knoll como professores. Ela foi chamada pelo Miguel Reale, e ele disse: “professora, eu vou ser obrigado pela lei a fazer uma interventoria no seu Departamento, porque vocês não têm o número de títulos exigido pela Lei. Nós temos a senhora como doutora, a professora Maria Sylvia como doutora, a professora Marilena como mestre, e é tudo. Precisa, no mínimo, de dois doutores, no mínimo dois livre-docentes, e no mínimo quatro mestres”. Ela respondeu: “o senhor me dá um tempo para resolver isso antes da interventoria?”, e ele: “eu lhe dou seis meses para a senhora resolver tudo isso. E a senhora sabe que nós temos meios para saber como a senhora vai

resolver” – ou seja, ele avisou que nós estávamos sendo vigiados com microfones, por alunos que eram, na verdade, policiais, então estávamos todos policiados e espionados.

Ela fez uma reunião na casa dela conosco, com todos nós. E disse: “em seis meses nós temos que ter mais uma livre docência, mais um doutorado e quatro mestrados”. Bom, eu disse que faria o doutorado, Maria Sylvia disse: “eu vou fazer um comentário de Guimarães Rosa, estou fazendo um comentário de um conto dele e transformo em livre-docência; como é que vamos arranjar os mestres?”. Então eu respondi: “nós temos lá quatro alunos extraordinários, vamos fazer”. Era o Léon, o Arley, o Rolf e o Armando.

Eu conversei com eles. Eu seria a orientadora deles, como eu tinha mestrado, e poderia então orientar naquele tempo. E eu disse: “vocês têm seis meses para apresentar um mestrado, eu tenho seis para apresentar um doutorado e Maria Sylvia tem seis meses para apresentar a livre-docência”. E nós fizemos. Tanto que o meu doutorado sobre Espinosa eu nunca publiquei. O “Matraga” da Maria Sylvia ela nunca publicou. Levou anos para ela publicar a análise que fez do Matraga. E os meninos fizeram os mestrados correndo. Mas nós fizemos tudo, e o Departamento permaneceu. Foi ela. Foi ela quem fez o Departamento permanecer.

E depois ela fez essa coisa extraordinária, que foi a revista do Departamento. E você não pode imaginar em que condições ela fez. Porque o diretor da Faculdade era o Eurípides Simões [de Paula], que tinha sido diretor do Departamento de

História, e denunciou Emília Viotti aos militares. Esse era o diretor da Faculdade. Então, Gilda... – e as coisas eram feitas na gráfica da faculdade, as nossas teses eram impressas na gráfica da faculdade, as revistas também –, ela foi conversar com Eurípedes. Eu não sei como foi a conversa. Eu só sei que ela voltou dizendo: “eu avisei ao diretor que vou criar uma revista do Departamento. E que ela tem que ser impressa”. Bom, aí tinha o Armando [Mora], que era um escritor de primeira água, e ela disse: “eu quero o Armando como meu subdiretor da revista e nós vamos fazer a revista”. Bom, ela coletou os artigos, coisas que estavam nas gavetas das pessoas. Consegui convencer cada um deles a ceder o texto para a publicação. Houve então a produção da capa. Que é uma coisa extraordinária. Eu não me conformo de o Departamento ter mexido nisso, de ter vulgarizado, feito, você sabe, a revista *Discurso* tem uma capa cada vez, um colorido de cada vez. Ela tinha uma presença.

Bom, eis que Gilda levou os textos. “Ah, professora... não tem papel, vai ter que esperar”. Ela disse: “eu deixo aqui e venho toda semana ver quando que o papel chega”. Um mês depois. “Ah, o papel chegou, mas acabou a tinta professora”. Ela disse: “eu espero”. Mais um mês. “Ah, o papel está aí, a tinta também, mas o gráfico está doente”. Olha, para fazer uma história longa, curta: levou quase um ano para eles imprimirem o primeiro número da *Discurso*. Cada vez eles inventavam um obstáculo para impedir – ordem do Eurípedes, é claro. Então essa revista nasceu, não só porque Gilda colheu os textos e produziu isso, mas porque ela decidiu que ia nascer. Que fossem quais fossem os

obstáculos, as adversidades, todos os impedimentos que punham, ela ficaria lá, plantada na gráfica até a revista sair.

[*nesse momento Marilena pergunta se ela pode ficar de pé*]

O que eu vou contar agora, Silvana, eu preciso fazer de pé. As pessoas precisam ver o que aconteceu.

[*sons e movimentação da técnica*]

Eu vou pedir para vocês usarem a imaginação. Imaginem que nós estamos lá nos barracões, nos barracos onde a ditadura jogou os departamentos de Letras, Ciências Sociais e Filosofia. Esses barracos tinham salas de aula, e em uma parte do prédio eram as salas de professores. Quero que vocês imaginem que estamos no prédio da sala dos professores. Há um corredor longo, escuro, atrás tem uma porta aberta por onde entra um pouco de luz. Imaginem Dona Gilda entrando e parando com um sorriso no corredor. E eu vinha vindo. E eu levei pelo menos uns dois ou três minutos para ver o que ela estava carregando, o que ela trazia, e por que estava sorrindo. E ela estava trazendo uma obra feita contra um reitor da ditadura, contra um diretor da ditadura, contra tudo o que se voltava contra nós: Gilda produziu a primeira revista oficial da história do Departamento de Filosofia da USP, a *Discurso*.

•

A conversa ainda continuou pelos espaços do IEB. Elisabete Marin Ribas nos levou até o arquivo de Gilda, onde mostrei à Marilena alguns documentos, especialmente as cartas que Gilda trocou com Oswaldo Porchat na época em que ela assumiu a Diretoria do Departamento de Filosofia da USP.

Uma dessas cartas está publicada nessa edição da *Discurso*. Visitamos também outros Fundos: o de Graciliano Ramos, o de Guimarães Rosa e, finalmente, o de Mario de Andrade. Foi com muita

emoção, especialmente por parte de Marilena Chaui, que tivemos acesso aos croquis originais de Mario de Andrade, onde ele desenhava, e sonhava com um projeto pioneiro de casas de cultura.